

Špánková, Silvie; Camacho, Francisco

Camacho, Francisco (1969): Niassa (2007)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 32-35

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130533>

Access Date: 19. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Camacho, Francisco (1969): *Niassa* (2007)

O romance segue os esquemas de realismo puro e enxuto, misturando ficção e reportagem e contando um caso extravagante de um rapaz nascido em Moçambique e depois sustentado e educado pelo tio abastado em Lisboa, que um dia toma o desafio de ir procurar o seu irmão mais velho e desaparecido algures no Norte de Moçambique. Durante uma viagem de regresso às origens que, para o rapaz, constitui a verdadeira iniciação social, política e erótica, descobrem-se os rastros de uma antiga tragédia. O lago Niassa, um paraíso na terra em que não falta sequer uma mulher divina, é um lugar de chegada. Embora falho de certa ambição “artística”, o romance cujo autor não provém de África, exprime algo que, de alguma forma, continua presente na mentalidade portuguesa: atração pelo desconhecido e pela aventura, bem como um sentimento de saudade e nostalgia do espaço perdido.

Quando era miúdo, pouco depois de o meu pai se ter ido embora, decidi vasculhar o sótão do meu tio David à procura de alguma coisa que ele tivesse deixado para trás. Encontrei um caixote. Tinha uns papéis sem interesse, as três fotografias que passaram a constituir o meu ridículo álbum de infância em África e uma velha edição da revista *Geographica*, da Sociedade Portuguesa de Geografia, em que havia um artigo sobre o Niassa. Agora revejo essa descoberta coma um momento patético, mas na altura fiquei entusiasmado. Finalmente, tinha alguma coisa de palpável sobre o Niassa e rompido a muralha de silêncio. Li o artigo as vezes suficientes para o decorar como se fosse um documento secreto e precioso que, a todo o instante, tal como no filme, podia autodestruir-se. Foi assim que fiquei a saber praticamente tudo o que sei sobre o Niassa. Na verdade, tudo o que sei até hoje. Por exemplo: que só nos anos 60 do século xx é que um cidadão português, um tal Nuno Valdez dos Santos, se dignou fazer um levantamento do outrora distrito. Embora longe de ser completo, o estudo tinha o seu valor. Era o primeiro livro que trazia alguma luz sobre a mais extensa e menos povoada das províncias de Moçambique. Não consta que até então alguém tivesse mostrado interesse por aqueles 130 mil quilómetros esquecidos na África portuguesa. Valdez dos Santos, capitão de Infantaria, compilou os dados recolhidos no terreno e, como não poderia deixar de ser, escolheu para título da obra *O Desconhecido Niassa*.

O livro realçava a ignorância do poder colonial em relação a tudo o que dissesse respeito à região, quase quinhentos anos decorridos sobre a chegada dos primeiros portugueses à costa de Moçambique. Era como se o isolamento e a vastidão do Niassa fossem vistos como uma maldição pelos homens de Lisboa e essa maldição tivesse perdurado durante séculos a fio. Foi preciso chegar o ano de 1891 para Portugal

manifestar algum interesse pelo controlo efectivo da área - mesmo assim, sem correr grandes riscos. Em vez de se embrenhar no mato, o Estado optou por conceder direitos majestáticos, sobre toda a faixa norte de Moçambique, à empresa Bernardo Daupias. Por decreto do ministro Júlio Vilhena, nascia então a Companhia do Niassa, que se tornaria na senhora absoluta daquela parcela do império durante as três décadas seguintes. A soberania da Companhia do Niassa teve os seus momentos históricos, mas não durou muito. Foi marcada pela celebração da paz com o indomável régulo Mataka, em 1912, e pelas batalhas da Primeira Grande Guerra travadas nas margens do Rovuma entre o exército português e as tropas alemãs do Tanganhica, a colónia que os ingleses viriam a herdar com o Tratado de Versalhes.

(CAMACHO, Francisco. *Niassa*. Lisboa: ASA, 2007, p. 64-65)

A Baixa do Cassanje era um feudo com 35 mil famílias que trabalhavam num regime próximo ao da escravidão. Isto pode parecer discurso de historiador, mas as coisas eram assim mesmo. Proibidos de transpor o perímetro da zona algodoeira da Cotonang, os indígenas eram forçados a cultivar o algodão e a vendê-lo ao preço da chuva. A empresa limitava-se a fornecer-lhes as sementes. Não lhes pagava salários, nem prestava qualquer tipo de apoio ou incentivo durante as campanhas, fossem pesticidas, fertilizantes ou uma compensação simbólica em caso de cheia ou seca. Os indígenas estavam à mercê das pragas e das partidas do tempo. Se algum azar compromettesse as culturas, perdiam um ano de trabalho e passavam fome. Capatazes embrutecidos pelo isolamento tratavam de fazer cumprir a lei e vergar os resistentes.

A vida nas plantações de algodão depressa se tornou insuportável para o meu pai. Passou a dormir mal, assustado com as condições de trabalho dos agricultores, com a saúde precária das crianças e com a fome. Não gostou de saber que, depois de um dia inteiro de trabalho duro, muitos camponeses se viam obrigados a caminhar vários quilómetros até aos pequenos talhões de terra onde cultivavam o seus próprios alimentos, porque a Cotonang, desprezando a agricultura de subsistência, cercara as aldeias com plantações sem deixar um palmo de terreno para outra coisa que não fosse o algodão. Uma das primeiras ordens que o meu pai recebeu directamente da empresa foi proceder à mudança forçada de várias famílias para que as aldeias onde elas sempre tinham vivido dessem lugar a novas plantações. Recém-chegado, ele acatou a ordem a custo - mas percebeu que o seu futuro não passava por ali.

Lopo Roque tinha uma espingarda em casa. Foi com essa arma que o meu pai se familiarizou com os coices da caça grossa. E foi também com ela que começou a revelar a sua pontaria, disparando contra os alvos distantes colocados no enorme terreiro de Tembo Aluma, diante de ajuntamentos de nativos que soltavam gargalhadas nervosas depois de cada estrondo. Certa vez, Lopo Roque comunicou por rádio com Malange e, inventando um qualquer problema repentino numa zona distante da circunscrição, informou que teria de se ausentar durante alguns dias e que, para o que desse e viesse, se faria acompanhar pelo agente de campo de Mapa. Foi a primeira vez que o meu pai foi à caça. Abateu dois antílopes nas imediações de Duque de Bragança e, encorajado pelos elogios de Lopo, descobria a sua vocação africana. Os dois amigos repetiram estas expedições secretas. Tantas quantas as necessárias para que Lopo Roque começasse a olhar o meu pai como um caçador nato.

Com o passar dos meses, Lopo Roque deixou de falar apenas de caça durante os encontros cada vez mais frequentes na casa de Tembo Aluma. Há já algum tempo que o chefe de posto pressentia agitação entre os negros e, muito embora tivesse alertado as autoridades de Malange para o problema, que ele não hesitava em relacionar com o regime imposto pela Cotonang, os avisos não tinham produzido qualquer efeito. Além da paixão pela caça, os dois amigos começaram a partilhar as mesmas preocupações com o futuro daquela zona, que parecia tão distante de Malange ou de Luanda como de qualquer outra parte do mundo. O tempo não tardou a dar-lhes razão.

(CAMACHO, Francisco. *Niassa*. Lisboa: ASA, 2007, p. 42–43)

Varrendo o milho à catanada, mais de cem guerrilheiros fardados avançavam em linha pelo campo verde. Agora era a vez dos profissionais, pensou Hoffman, e logo um disparo de lança-granadas foguete explodiu sobre o grupo colocado no cimo da colina. Dois homens morreram. Na resposta, Daniel e Rafa abateram meia dúzia de guerrilheiros, forçando os restantes a deitarem-se no chão. Retomaram então o caminho, a coberto das rajadas dos quatro empregados que seguiam à frente, e tornaram a parar uns metros acima, repetindo os disparos e causando mais umas baixas enquanto os perseguidores ainda se encontravam num plano inferior. Fugir. Parar. Disparar. Andaram nisto durante mais de meia hora, mas a distância para os guerrilheiros foi encurtando, e mais curta ficou quando o arvoredado cerrado deu lugar à savana. Agora estavam expostos ao fogo do inimigo.

Mal atingiram campo aberto, uma segunda granada fez tombar os quatro homens que sobravam do grupo mais adiantado. Hoffman pensou então que era o fim, que iam

matá-los logo ali. Só que os segundos continuavam a passar e eles continuavam vivos. Do lado direito do campo, viu chegar as mesma camionetas que tinha visto debaixo dos embondeiros em frente da casa. Os guerrilheiros queriam apanhar os meus irmãos com vida, presentiu.

Fred contou-me que Hoffman tremia só de recordar o final da história e que ele próprio o tinha encorajado a resumir os acontecimentos que se seguiram (Fred disse-me isto, mas desconfio que foi uma mentira piedosa para me poupar a pormenores ainda mais sórdidos).

(CAMACHO, Francisco. *Niassa*. Lisboa: ASA, 2007, p. 130)

Atividades:

1. Comente o estilo da narrativa.
2. Defina as coordenadas espaciais e temporais.
3. Desenvolva o assunto político-social abordado nos extratos.